Ypiranga
M
1
q

SEC-39592
-5784-

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

3563

SEC-39592
-5784-

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

3563

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Registro: 02507
Folha:
Data:

Candido Costa

THESE

Quem descobriu o Brazil?

2.ª edição augmentada

PARÁ — BRAZIL

EDITORES — ALFREDO SILVA & COMP.

1899

Este é o autor da obra "As duas Américas" mandadas editar pelo coronel Ramalho Junior. Viveu muito tempo em Manaus, como funcionário da Delegacia Fiscal. Muito amigo de meu pai. Ele era inventor, também.

Monteiro J.

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO YPIRANGA MONTEIRO

Ao Illm.º Snr Guilherme Fern-
Martins
Offe
Cantor

Quem descobriu o Brazil?

CANDIDO COSTA

MARIO YPIRANGA MONTEIRO
ADVOGADO

THESE

Quem descobriu o Brazil?

PARÁ — BRAZIL

EDITORES — ALFREDO SILVA & COMP. — EDITORES
Praça Visconde Rio Branco, 12

1899

Arq
981.01
C837q

3562

PARÁ — BRAZIL

TYPOGRAPHIA DE ALFREDO SILVA & COMP.
Praça Visconde Rio Branco, 12

1899

Duas palavras

Por extrema gentileza do benemerito governador do Estado do Pará, fui distinguido com a elevada honra de fazer parte da commissão, incumbida de promover os festejos cabralinos no anno de 1900, ao tempo em que fôr assignalada a data do 4.º centenario do descobrimento do Brazil, na correspondencia da reforma gregoriana.

Por esse motivo compareci á reunião solemne, convocada para esse fim, no dia 15 de Novembro do anno findo, em uma das salas do palacio do governo, sendo ella presidida pelo digno e estimado magistrado Dr. Gentil Bittencourt.

Ali, em presença do escol da sociedade paraense, representado pelos diversos ramos da organisação social, o qual tão solicito acudiu ao convite do proeminente cidadão, que dirige, com mão segura e habilidade sem egual, os destinos grandiosos d'esta terra; ouvi a exposição do programma, que ha de ser executado por occasião da mencionada data, o qual consubstancia o gráo elevado do reconhecimento do povo brasileiro á generosa nação portugueza, sempre amiga, quer no meio das nossas desditas, quer das nossas glorias, dando-nos sempre o testemunho dos seus affectos e a sinceridade da sua estima verdadeira.

Concluida a leitura da peça bem modelada, pela disposição caracteristica da ordem de taes festejos, da qual sou discordante apenas do «item» primeiro, em uma das suas partes; usou da palavra um distincto compatriota, a quem não tinha a honra de conhecer, dissertando sobre o assumpto do descobrimento do Brazil e concluindo por dizer — que nos principios do anno de 1500 Vicente Pinzon teve a prioridade de pizar em terras da Amazonia!

Queria o orador, por tanto, dizer que a este e não a Cabral se deve dar a precedencia do descobrimento do Brazil.

Então, uzando igualmente da palavra, depois da leitura que fiz de uma proposta, que no dia immediato foi transcripta na imprensa, protestei contra aquella asserção, que feriu-me mal os ouvidos e echoou dolorosamente no fundo da minha alma.

Por um dever de consciencia, por um impulso moral do meu espirito, que se revoltára pela acção d'aquella injustiça, protestei contra o que ouvira, e prometti, no curto espaço de oito dias, adduzir considerações, que firmassem a convicção de que só sobre o nome de Pedro Alvares Cabral deve incidir todo o brilho d'essa commemoração. E assim deve ser, pois ella é a apotheose do consenso unanime de um povo, que o reconhece como o legitimo factor do «fiat lux», o qual espancou os negrumes d'essa noite de muitos seculos, em que estavam envoltas as terras do Brazil illuminando-as ainda com as scintillações da fé no ilhéo de Vera-Cruz, ao celebrar-se o incruento sacrificio da primeira missa em plagas desconhecidas.

A minha palavra deixou de ser satisfeita, do modo por que a comprometti, em face de fundados motivos, pois sendo além disso extenso o assumpto da presente these, que só podia ser inserta na imprensa com demorado espaço de tempo; julguei conveniente acceder ao pedido de amigos, que lembraram-me ser preferivel publical-a em opusculo pela vantagem de melhor leitura, pela natureza da materia, que é interessante e por outra ordem de circumstancias, dignas de toda ponderação.

Em todo o caso, cumpri o meu empenho dado em occasião solemne, levando á digna redacção da «Folha do Norte», no praso estabelecido, o producto do aturado estudo a que me entreguei, para satisfação do compromisso que tomára; do que ficou certo o publico, por uma local do mesmo diario, em dia posterior a entrega dos originaes concernentes ao objecto em questão.

Se não correspondi á obrigação da difficil tarefa que me impuz, peço muitas desculpas aos distinctos cavalheiros, que foram testemunhas do meu compromisso, contando com segurança ser relevado da falta que commetti, attento os motivos justificados, quc determinaram a minha conducta n'essa emergencia.

Convido hoje, portanto, o leitor a ler as paginas subsequentes d'este opusculo, nas quaes se demonstram os argumentos e as provas que estabeleci para consecução do fim que tenho em vista.

O auctor.

Quem descobriu o Brazil?

Uma nação tem no passado uma só historia, não duas.

V. DE PORTO SEGURO.

PASSO a fazer algumas reflexões ácerca da viagem de Vicente Yañez Pinzon ao Brazil, assumpto principal d'esta these, provando ao mesmo tempo a falta de argumentos concludentes, que confirmem a opinião externada por alguns historiadores, que o julgam antecedente a Cabral no descobrimento do Brazil.

Esse navegador hespanhol, que não era amigo do famoso ligurio Chris-

tovão Colombo, invejando-lhe as glorias conquistadas, tinha sempre na imaginação a ruminar-lhe a idéa do renome que a este cabia.

A 10 de Maio de 1497, elle, João Dias de Solis e Americo Vespucio, combinados entre si, em quatro navios bem tripulados, deixaram o porto de Cadiz; tomando depois o rumo das Canarias, onde se aprovisionaram do que lhes faltava a bordo; e d'ahi, com propicios ventos, a 25 ou 26 de Maio continuaram a derrota encetada.

No fim de 27 dias de navegação, a expedição, segundo informações por elles prestadas, chegava ás costas de um continente, onde plantaram a bandeira hespanhola no cabo «Graças a Deus», na costa de Honduras, então já conhecida por Colombo, conforme sua carta datada de 15 de Julho de 1503; pretendendo-se assim usurpar-lhe a gloria já alcançada. Disseram tambem haverem descoberto n'essa viagem a Florida, que só mais tarde, em 1512, foi descortinada por Ponce de Leão.

Conta-se que só a 15 de Outubro de 1498 regressaram os aventureiros a Cadiz, levando comsigo 222 selvagens prisioneiros.

Toda a Hespanha regosijou-se com a chegada da expedição de Pinzon, por ser considerado como o primeiro que pisava o continente americano, buscando-se assim offuscar o nome enaltecido de Colombo, que, em sua terceira viagem, de 30 de Maio de 1498, havia já reconhecido o golpho de Pariá e o delta do Orinoco, na terra firme da America, que comprehende a parte oriental da provincia de Cumana, na Republica de Venezuela.

E o governo hespanhol não teve escrupulo de dar-lhe um brazão com este titulo:

«A Castilla y por Leon
Nuevo-Mundo hallo Pinzon».

No dizer do historiador hespanhol Oviedo, auctor da *Historia General de las Indias,* o qual passou na America desde 1513 até 1547, Colombo, temendo a ferocidade dos indigenas, não desembarcou no continente americano. [1]

[1] Oviedo era inimigo systematico de Colombo, tanto que, sobre a pretendida prioridade do descobrimento do Novo-Mundo por Vespucio, calou-se.

D'essa opinião participa Alonso de Hojeda (!) e Pedro de Ledesma no depoimento que prestaram no processo de 1515; mas cinco testemunhas oculares, collocando os sentimentos de honra acima da miseravel mentira, deposeram que Colombo achava-se enfermo dos olhos e por isso mandára Pedro de Terreros tomar posse da terra em seu nome; ao contrario porém de Heran Perez, que affirmou ter o proprio almirante pisado no continente americano.

Colombo, convem saber, fez partir da Hespaniola a 18 de Outubro de 1498 a noticia do descobrimento do continente americano, a qual chegou á Hespanha em *Dezembro d'esse anno.*

A descripção d'essa viagem é feita pelo suspeito Americo Vespucio em suas cartas datadas de 1503 ou 1504, o que é muito necessario ponderar.

De proposito fiz esta digressão para dar a conhecer o caracter de Pinzon e dos que d'elle se occuparam em narrativas historicas.

João de la Cosa, antigo piloto de Colombo, de quem tornou-se desavindo, foi quem traçou a viagem de Pinzon com referencia ao Brazil em um mappa que figura datado de 1500.

No dizer dos que lhe escreveram a historia, a partida da frota por elle commandada sahiu de Palos em 18 de Novembro de 1499, segundo uns, ou em Dezembro, conforme outros, tocando nas Canarias e nas ilhas de Cabo-Verde, de onde tomára a direcção do Equador.

D'essa vez os ventos não foram bonançosos, pois o mar enraivecido parecia querer a cada momento tragar as embarcações de um só hausto; o céo tenebroso, sem o brilho da estrella polar, deixava-as em completa escuridão, expostas aos perigos do accaso e aos rigores da tormenta.

Batidas em seu dorso pelos vagalhões constantes e violentos, iam ellas sendo arrastadas pelas ondas na direcção do Oeste, até que a 26 de Janeiro de 1500,[1] descobriram uma terra a que deram o nome de *Santa Maria de la*

[1] Outros dão 20 de Janeiro na latitude austral de 8°. *Martyr* e *Munoz* mencionam 26 de Janeiro.

Consolation, que é desde 28 de Agosto de 1501 conhecido pelo de *Santo Agostinho*.

Desembarcando ahi Pinzon, tomou posse do paiz em nome de Castella; esquecendo-se, porém, de deixar assignaladas aquellas paragens por um marco, que attestasse aos vindouros a sua passagem pelo vasto territorio brazileiro!

Estamos em 1899, e até hoje nenhum indicio foi encontrado da realidade d'essa posse, a que faltaram por certo os requisitos legaes, em face do direito consuetudinario.

E ninguem perturbou-lhes os passos, mas sobre a areia elles viram signaes visiveis de *gigantescos* pés humanos!

Naturalmente a terra descoberta era alguma morada de cyclopica gente, que, com o correr dos tempos, extinguiu-se, pois até hoje não consta que se tenha encontrado no Brazil os restos de semelhante animalidade com fórma humana.

Pura patranha, que n'aquelles tempos impressionava a imaginação do povo, que, sem exame e sem escrupulo, acceitava esta e outras creações phantasticas, geradas por crassa ignorancia.

Na noite d'esse dia, as collinas offereceram um espectaculo feerico, que os surprehendeu bastante por verem, em pontos diversos, esparsas immensas fogueiras, que projectavam vivos clarões, extendendo uma grande restea de luz por todo o littoral.

Tão extranho espectaculo perturbou o animo da gente de bordo, que julgava aquella scena uma prova de manifesta hostilidade; e, sem mais tardança, áquella mesma hora, effectuaram o desembarque de quarenta homens bem municionados para luctarem contra os que dirigiam-lhe tamanha ameaça!

Mas, oh desillusão! os indigenas, que vieram ao encontro dos hespanhoes, detiveram os passos deante d'elles e, com desconfiança reciproca, olharam uns para os outros!

Em signal de boa amisade, os invasores offereceram-lhes de longe campainhas e espelhos, que não quiseram acceitar; e, sem a menor cerimonia, deram as costas e seguiram descançadamente para o interior da matta!

Admirados com aquelle procedimento, os hespanhoes julgaram de bom aviso volver ás caravellas, que no dia seguinte tomavam a direcção de noroeste.

Galernos ventos, talvez; e vinham por ahi afóra prelibando a satisfação de mais uma conquista em proveito dos reis catholicos.

Bellas e deslumbrantes paizagens, alvinitentes praias e alterosos montes iam a cada passo extasiando a vista de Pinzon e de alegres marinheiros, uns, collocados no alto da gavea, e outros, descuidados sobre as amuras e chapiteos de prôa, a olharem para o tempo.

Muita gente bravia pelas praias a ver a passagem dos monstros marinhos (de madeira), que não temiam, pela distancia, as settas ervadas dos selvagens, que de longe faziam-lhes mil esgares entre alaridos retumbantes.

Diz a historia, embora suspeita, que, n'esse percurso, vieram ter á foz de um grande rio, que era raso, motivo por que as caravellas não poderam n'elle entrar; mas, em todo o caso, tentaram desembarcar, sendo porém repellidos por uma saraivada de flechas, que os poseram em debandada, com a morte de oito d'entre elles.

Que paragem seria essa?

Variam as opiniões e a propria historia, e por isso não se póde determi-

nar esse sitio tão funesto para os hespanhoes, que não quiseram se demorar ali por mais tempo, temendo maiores desditas.

Assim, tomaram a direcção do norte e vieram proseguindo até encontrarem as aguas de um rio gigantesco, que penetrava no mar em uma distancia de quarenta leguas.

Era o soberbo e colossal Amazonas com 7.000 kilometros de curso, cuja bacia hydrographica é considerada a maior do mundo e avaliada em 5.400 kilometros quadrados.

Pinzon, naturalmente pasmo por ter deante de si a opulencia de uma natureza sempar, ficou extatico, ufano, vendo desdobrar-se, á proporção que a sua caravella fendia as marulhosas aguas, a magestosa grandeza de deslumbrantes paineis.

Tinha, portanto, elle descoberto um novo continente, desde o Cabo de *Santa Maria de la Consolation* até a foz do rio-mar!

Era elle, pois, um novo Colombo e em breve o seu nome voaria scelere das margens do grande rio até as ameias do Capitolio.

Quando, porém, pretendeu estabelecer relações amistosas com os naturaes do paiz, a terrivel *pororóca* [1], phenomeno que elle via pela primeira vez, amedrontou-o de tal sorte que se viu na contingencia de prestes correr ao alto mar.

E assim, o seu receio ou medo roubaram-lhe a gloria de ser o primeiro a plantar um marco n'aquellas regiões, o qual, mais tarde, podesse dizer que por alí andou um ousado castelhano, subdito fiel dos reis de Hespanha!

Nada existe que isso comprove, o que attesta sobremaneira o seu desleixo e incuria, pois tão facil lhe seria deixar ao menos uma ligeira inscripção, esculpida sobre o granito, como testemunho vivo da temeridade e ousadia da sua navegação!

O mareante hespanhol, depois da direcção tomada, aproou para a costa, mais ao norte; e assim ancorou no Orenoco e em Pariá, onde fez larga provisão de páo brazil, cuja madeira talvez lhe servisse de argumento para dizer

[1] *Vide in fine.*

depois — que elle fôra o descobridor de um immenso paiz meridional, na America.

Finalmente, depois de muitos contratempos, em fins de Setembro de 1500, chegava Pinzon a Palos, quando já se tinha sciencia de haver sido descoberto o Brazil por Pedro Alvares Cabral, noticia esta levada para Portugal em 2 de Maio de 1500 por Gaspar de Lemos, no dizer de João de Barros, ou por André Gonçalves, na opinião de Gaspar Corrêa, chronista d'aquella época. [1]

Note-se: quando á Castella chegou a feliz nova do descobrimento do Brazil, levada a Lisboa pelo emissario de Cabral, *João de la Cosa,* que se achava na Hespanha, accrescentou no seu mappa o acontecimento annunciado. Foi n'essa occasião, sem duvida, que elle pensou em roubar o renome de Cabral; e assim o fez, quando Pinzon regressou em Setembro á Europa; situando, porém, *erradamente* o cabo de *Santa Maria de la Consolation* a loeste de Vera-Cruz, o qual entretanto fica a leste d'essa terra.

1 *Vide in fine.*

Convém muito considerar que entre a Hespanha e Portugal havia n'esse tempo patente rivalidade; procurando aquella nação roubar d'esta a gloria de seus descobrimentos maritimos.

Não admira isso, quando o já citado Oviedo affirmára tambem ter sido o golpho de Higueras, no Yucatan, descoberto por João Dias de Solis e Vicente Pinzon, antes de Colombo, em sua quarta viagem de 1502!

Gomara do mesmo modo affirmara que a costa de Honduras fôra descoberta por Pinzon e Solis tres annos antes de Colombo!

Um historiador allemão o Sr. W. Irwing já dissera: «Semelhante proceder não foi sem duvida motivado pela má fé ou perfidia, mas sim por seguir a politica usada n'aquelle tempo, que consistia em olhar com desconfiança para tudo o que era extrangeiro, e em promover por todos os modos a gloria nacional.»

E Humboldt:

«Tanto é certo—que em todos os seculos e periodos da civilisação esforçaram-se sempre os odios nacionaes por empanar o brilho dos nomes illustres.»

Bossi tambem asseverou que Americo Vespucio, em uma das viagens emprehendidas por ordem da Côrte portugueza, descobrira o Brazil, [1] a cuja opinião presta apoio Frei Antonio de San Roman na sua *Historia general de la India Oriental!*

O meu illustre amigo almirante Ignacio Joaquim da Fonseca, auctor do excellente opusculo — *Descobrimento do Brazil,* — referindo-se á referida viagem de Pinzon, assim se expressa:

« Aberto o compasso historico desde *Guanahany* ao *Horn,* como que a sustentar o busto de Colombo, larga de Palos a 18 de Novembro de 1499 a frota de Pinzon de 4 caravellas a rumo das Canarias e ancóra em Sant'Iago, de onde suspende, veleja-se pelo sussodoeste magnetico, corta a linha e no

[1] *Vida de Colombo*, traducção franceza. Paris 1824.

dia 26 de Janeiro de 1500 dá vista do cabo Santo Agostinho, *ponto* de marca ou de reparo da costa, e confronte ao mesmo largo ancóra, suspende após alguma demora, veleja-se para norte e logo sotaventeia-se para o golfão de oeste; percorre costeando para mais de 340 leguas de differença meridional, demanda o cabo *Orange,* dobra-o e investe pela boca do *Oyapoc.* Então, assentando a ponta do dedo menor no mappa desde ahi e a do pollegar no *Santo Agostinho,* bem podia dizer: *tudo isto é meu!* . . .

Entretanto, se o lugar da chegada é um ponto ainda controverso, persistirá eternamente assim, visto que não ha prova do gráo de longitude, ampliando-se portanto a disputa sobre questões só de nomes e descripções baldas de azimuths e triangulações. Portanto, a replica ou embargo apparentemente forte pelo documento de 1501 *las dichas tierras*, não têm valor efficiente, por isso que segreda os gráos de longitude e latitude, ficando a boiar tudo afinal no mar cavo das *words and words.*» [1]

[1] *Vide in fine.*

Ainda é preciso ver o que diz *Louis Gregoire,* em seu moderno diccionario, referindo-se a Vicente Pinzon: «o segundo em viagem de exploração 1499—1500 descobriu o rio da Guyana, que tomou o seu nome. Em 1508 acompanhou Dias de Solis á America.» [1]

E nada mais!

D. Manoel só em 29 de Julho de 1501, depois da chegada da expedição commandada por Cabral, é que em carta deu noticia do descobrimento da nova terra aos reis catholicos de Hespanha, na qual dizia: [2] «O dito meu capitão partiu com 13 náus de Lisboa a 9 de Março do anno passado. Em as oitavas da paschoa seguinte chegou a uma terra que novamente desco-

1 *Vide in fine.*

2 O original d'esta carta existia em Saragoça no archivo da antiga deputação de Aragão, que foi destruido na guerra da independencia. *V. Navarrete. Col. de los viag. Y desc. Tomo 3.°*

briu, a qual deu o nome de Santa Cruz; achou n'ella gente nua como na primeira innocencia, mansas e pacificas, e parece que Nosso Senhor quiz milagrosamente que se achasse esta terra, porque é muito necessaria e conveniente á navegação da India, porque alí reparou seus navios e se refez de agua; e pela extensão de caminho que ainda tinha que andar não se deteve para se informar das cousas da dita terra, sómente me enviou d'alí um navio a me participar como a encontrára e seguiu sua rota para o Cabo da Boa Esperança.»

Pelo tratado de Tordesilhas de 7 de Junho de 1494, o Brazil estava comprehendido nos dominios da corôa portugueza, o que foi confirmado por Bulla do Papa Julio II em 24 de Janeiro de 1506, a qual tambem reconhecia os direitos de Portugal ao novo paiz.

As ponderações já feitas evidenciam que Pinzon não effectuou a viagem que diz ter realisado, pois, ao meu ver, elle tomou sempre a mesma trajectoria de Colombo, quando descobriu o Novo Mundo; e por isso nenhuma duvida tenho em acceitar o descobrimento que fizera do *Oyapoc,* que depois teve o seu nome, rio este de tão pouca importancia que não figura no quadro de outros de maior grandeza na America. [1]

Naturalmente d'esse rio elle avistou a parte que pertence ao Brazil, a despeito da má vontade da França em não querer reconhecer o nosso direito, hoje em litigio; [2] tendo visto, antes de alí chegar, *la mar-dulce,* como o affirmára, mas nunca *el rio-mar.*

Devemos ficar certos de que se Pinzon tivesse descoberto o *Paraná-guassú* (Amazonas), os posteros ter-lhe-hiam dado o seu nome, como o fizeram com o rio *Oyapoc,* que não tem a importancia e a grandeza d'aquelle, preferencia esta de mais subida honra.

1 *Vide in fine.*

2 O seu curso é de 310 kilometros.

Como reconheceu Pinzon que o Amazonas lançava-se ao mar em uma distancia de mais de 40 leguas?

É facil comprehender.

É possivel que, na prosecução da costa, elle tentasse fazer a travessia na foz do grande rio, mas não o poude, em face das impetuosas correntes do mez de Março; e assim fazendo-se ao mar, de maneira a ficar fóra da vertiginosa carreira das aguas fluviaes, conseguiu avaliar pouco mais ou menos o seu precurso pelo oceano.

Por duas grandes boccas, separadas pelas ilhas de Joannes ou Marajó, lança-se ao mar o Amazonas; sendo a sua verdadeira entrada pela bocca do Norte ou Macapá, mas a melhor, por ser livre de ilhas, é a do Guajará ou do Pará, ao sul, onde as aguas do Oceano influem até a cidade de Obidos.

O canal do Norte, que se dirige para Macapá, tem 6 leguas de largura, e depois, desde o cabo Norte até a ponta do Maguary, marca 45 leguas.

É no braço ou canal do Norte que se observa a *pororóca*, termo que vem do guarany *pororog*, significando *estrondo, ruido.*

Esse phenomeno se dá nos pleni e novilunios; bem assim a doçura, não muito pronunciada, das aguas do mar, nota-se na distancia de mais de 30 leguas, além da foz do rio.

Na visinhança da Guyana franceza é tal o volume d'agua lançada, que o oceano não póde n'elle penetrar, facto este que não se dá com outro qualquer rio do Universo, rasão porque encontram-se as suas aguas á grande distancia do Atlantico.

Que lucta e que trabalho ingente não teria tido Pinzon, se houvesse realisado essa viagem, para vencer a vertiginosa corrente do colosso, apenas com algumas velas pandas em caravellas d'aquelle tempo mal apparelhadas! E quanto mais para penetrar nas ilhas proximas, ou como se diz, na Caviana, que dista da emboccadura 60 milhas pouco mais ou menos!

Eu entrego a exposição dos factos adduzidos ao juiso e opinião do observador attento, para que medite sobre as circumstancias indicadas, afim de que possa tirar d'ellas as illações convenientes, ácerca da possibilidade ou não de ter Pinzon effectuado a viagem—que diz haver emprehen-

dido pela costa do Brazil, segundo a narração dos que escreveram sobre tal assumpto.

Felizmente só tem sancção official o descobrimento do Brazil por Cabral, o que todo o mundo diz e todos o repetem; firmando-se dest'arte na consciencia dos povos a justiça que lhe fazem; e tanto assim é que brazileiros patriotas pretendem dar o nome de *Cabralia* á futura capital da Republica no planalto de Goyaz; o que é uma das manifestações mais espontaneas do nosso reconhecimento á memoria do illustre almirante portuguez.

E ainda na capital da Republica projecta-se levantar em 1900 um monumento que eternise-lhe o nome, como tributo de gratidão da maior parte dos brazileiros, que não o esquecerão jamais, embora contra a má vontade d'aquelles que não o julgam descobridor d'este opulento paiz.

É preciso, pois, ficar para sempre fóra de duvida e discussão esse ponto

da nossa historia, confirmado aliás por imperecivéis monumentos de bronze, que são as cartas de Pedro Vaz Caminha, do bacharel, mestre João, physico e cirurgião da armada de Cabral, e do piloto da mesma fróta, da qual faz menção o notavel italiano João Baptista Ramuzio, [1] cujo original perdeu-se para a nossa lingua, depois de ter sido traduzido em latim por Archangelo Madrignano.

Quaes são outros navegadores que offerecem provas identicas em documentos de tal ordem?

Qual dentr'elles plantou o symbolo da redempção e da civilisação dos povos em terras brazileiras?

A estas palavras responderão, os que o negam, com o silencio, pois esta é a melhor traducção que podem dar á negativa da propria consciencia.

Em que dia foi descoberto o Amazonas por Pinzon? Respondam-me?

Ninguem sabe dizel-o.

1 *Navigacione et viaggi*—Tom. 1.°, pag 121—Venetia, 1563. Hoje, porém, nas *Noticias Ultramarinas*, publicadas pela *Academia Real das Sciencias*, de Lisboa, figura traduzida esta carta.

No emtanto todos os historiadores asseguram que o Brazil foi descoberto por Pedro Alvares Cabral em 22 de Abril de 1500, consoante a carta de Caminha.

Quanto ao primeiro, tudo é controverso; mas quanto ao segundo, tudo está perfeitamente elucidado pela realidade dos acontecimentos, que são positivos.

Concedamos, emfim, que Pinzon podesse ter visto, ou mesmo visse terras banhadas pelo Amazonas; mas não ha provas de ter pisado n'ellas, e senão apresentem-n'as, que eu me darei por vencido n'esta questão.

De outra sorte, ficam de pé as minhas objecções.

É este o ponto principal da controversia.

Disse *Michelet:* «é á historia que nos devemos ligar, são os factos que devemos interrogar, quando a idéa vacilla e nos foge aos olhos.»

E *Laplace* com muita propriedade: «que o merito de uma descoberta pertence não a quem a faz, mas a quem a demonstra.

E Cabral não só a fez como a demonstrou.

Está exuberantemente provado pela historia analytica — que a primeira terra do Brazil, patenteada á civilisação do velho mundo, foi o celebrado Porto Seguro, na Bahia, cuja ventura só a esta cabe.

Patenteada está, pois, com relevancia e argumentos incontrastaveis a sem rasão dos que, sem a critica historica, vão repetindo a esmo — que antes de Cabral o Brazil fôra descoberto por Pinzon.

E não é só a esse heroe a quem dão tamanha honra, pois outros ainda ha, dos quaes me occuparei detidamente na segunda edição do meu livro, que tem de ser brevemente impresso em Lisboa e será publicado em 1900.

O visconde de Porto Seguro, na *Historia Geral do Brazil*, é de opinião que Vicente Pinzon não descobriu o cabo de Santo Agostinho, e sim a ponta de Mocuripe, proxima a capital do Ceará; e seguidamente a de *Jererécoára*, pelo navegante denominada *Rostro Hermoso*.

Seguindo d'ahi veiu ter ao *Amazonas*, que chamou *Mar Doce;* e, em 5 de Abril de 1500, com toda a probabilidade, diz o historiador, chegou ao cabo de Orange.

Ácerca do cabo de Santo Agostinho, o mesmo visconde argumenta que, á vista do depoimento judicial de varios tripulantes da flotilha de Pinzon, affirmando que os navios tomaram desde ás ilhas de Cabo-Verde o rumo de susudoeste, não era possivel *que nenhum barco de vela fosse ter ao referido cabo.* Ainda leio na *Historia Geral,* já citada: «Estas navegações de navios castelhanos, ao *longo da costa do norte, não produziram nenhum resultado de consequencia, e ás vezes até eram sonegadas, como succedeu á de Hojeda que o foi por elle proprio; ou mal interpretadas, como passou com Pinzon, que,* ALGUNS ANNOS DEPOIS, *julgava haver sido o cabo de Santo Agostinho o por elle descoberto.* Ainda mais: *o proprio Pinzon declarou que, desde o primeiro cabo por elle descoberto seguiu navegando pelo rumo de loeste-quarta-a-noroeste, rumo em que, segundo sua affirmativa, corria ahi a costa,* o que, no dizer do visconde, não poderia ter logar, partindo do Cabo de Santo Agostinho; pois, logo um pouco para o norte d'elle, a costa pende antes para leste, e não para loeste.

Referindo-se ao cartographo João de la Cosa, diz ainda:

«Aquelle no seu celebre mappa, feito no proprio anno de 1500, sitúa o

«cabo descoberto por Pinzon» muito a loeste da terra que ahi se diz «descoberta por Portugal» (Porto Seguro); e todos sabemos que o cabo de Santo Agostinho fica bastante a leste d'essa terra. E Diogo Ribeiro, em 1529, indicou o descobrimento de Pinzon para loeste do cabo de S. Roque, e não para o sul.»

Antonio Galvão, nos *Descobrimentos do Mundo* do anno de 1531, refere-se á viagem de Pinzon ao Brazil em 1499, e Manoel Severim de Faria na *Vida do Historiador João de Barros,* assim se expressa:

«Era a Capitania, que lhe coube em sorte a do Maranhão, parte septemtrional do Brazil, e a mais ennobrecida d'elle, em grandeza de rios, fertilidade de plantas, abundancia de animaes, e fama de riquissimas minas. Foi este rio descoberto por Vicente Yanes Pinçon no anno de 1499 (sic!) pela corôa de Castella; mas por estar na demarcação da conquista d'este Reino, deixaram depois os Castelhanos de o povoar.»

O rio, a que se refere Severim de Faria, é o Itapicurú, no Maranhão; sendo para notar o anno de tal descobrimento!

Ouçamos agora Bernardo de Berredo, nos *Annaes Historicos do Maranhão,* referentemente ao mesmo assumpto; o que eu direi resumidamente.

Vicente Pinzon e seu irmão ou sobrinho Ayres Pinzon resolveram emprehender uma viagem ao Novo-Mundo em busca de felicidade; e assim em 4 navios se fizeram á vela do porto de Palos em 13 de Novembro de 1499.

Depois de terem aportado á ilha de Sant'Iago, em Cabo-Verde, de onde sahiram em 13 de Janeiro de 1500, descobriram o cabo de *la Consolation,* que, segundo Navarrete e outros, foi visto em 20 de Janeiro; conforme Martyr e Munoz a 26 do dito mez e Gaffarel a 28.[1]

Embora não se indique o dia, descobriram elles a bocca do Amazonas e foram além da costa.

Aprecie-se a disparidade de opiniões tão desencontradas e julgue-se da narração feita pelo proprio navegador.

[1] Gaffarel e outros dão a partida da Hespanha em Dezembro de 1499. Até aqui ha contradicção!

Estou convencido e certo de que, por esta exposição, o preclaro governador do Estado, que é um espirito vasado nos principios conservadores, sendo ao mesmo tempo liberal pela generosidade dos sentimentos affectivos e por suas costumadas gentilezas; não ha de permittir que, em sua benefica administração, se consumma a extorção premeditada contra o direito d'aquelle, que tem jús ás symbolisações de todo o nosso reconhecimento e é credor de nossas justas homenagens.

S. Exc.ª, que tem a sua tradição, não só de homem publico, como de cidadão, tão bem firmada na estima e na profunda veneração que lhe vota a generosa e distincta colonia portugueza d'este Estado; não consentirá, sem duvida, na effectividade d'esse attentado historico, fazendo levantar monumentos no territorio paraense, em louvor de quem não praticou o brilhante feito maritimo, que se quer attribuir-lhe.

O primeiro extrangeiro que transitou pelo rio Amazonas em 1540 foi o perfido capitão Francisco Orellana, desertor da expedição organisada em Cusco (antiga residencia dos reis Incas) em 1539, por Gonçalo Pisarro, irmão do celebre marquez d. Francisco Pisarro, famoso conquistador do Perú.

Orellana fez a descida do rio em canôas e balsas, até á sua foz ao Norte, de onde dirigiu-se á ilha Margarida com destino á Hespanha, afim de alcançar de Carlos V o posto de general das Amazonas.

Depois de alguns annos, o rei fez-lhe mercê da conquista pelo descobrimento que fizera do famoso rio, pondo á sua disposição tres navios com boa equipagem superior a 500 homens, entre os quaes gente de conhecida distincção.

No dia 11 de Maio de 1549 sahia de S. Lucar a pequena frota com destino ao Amazonas, perdendo em caminho grande parte da tripulação, na escala das Canarias e Cabo-Verde. Dias depois chegava Orellana á embocca-dura do magestoso rio, mas debalde *tentou quanto lhe foi possivel para vencer as suas correntes em duas lanchas,* sendo forçado a retroceder pela costa de

Caracas até a ilha Margarida, onde veiu a morrer com muitos dos seus companheiros. [1]

Com o titulo de Conquistador das Amazonas, por ordem de d. André Furtado de Mendonça, marquez de Canhete, partiu da cidade de Cusco no anno de 1560 Pedro de Orsua, em busca de thezouros no Amazonas, acompanhado de uma milicia, na qual vinha Lopo de Aguirre, *de tão ruim figura, como nascimento,* no dizer do citado Bernardo Berredo.

Por instigação de d. Fernando de Gusmão e do famigerado Aguirre, foi morto Orsua, dando lugar ao triste acontecimento uma formosa dama, que o acompanhava, a qual era requestada por outros da expedição.

Depois de muitos desatinos, concluiram por matar a d. Fernando, que

[1] No 2.º vol. das *Noticias Ultramarinas* eu leio que Orellana, que veiu com sua mulher, falleceu victima de enfermidade ao chegar á foz do Amazonas, regressando d'ahi a viuva para a Hespanha. N'esse mesmo anno de 1549 pouco mais ou menos andava correndo a costa do Brazil, como aventureiro, Luiz de Mello da Silva, filho do alcaide-mór de Elvas, o qual, desgarrando na altura de Pernambuco, veiu impellido por máo tempo e pelas aguas até o Amazonas, *de cuja grandeza se contentou muito.*

tinha sido acclamado rei pela comitiva, em seguida á morte do infeliz Orsua. Aguirre, para escapar de uma justa punição, fugiu com alguns companheiros para a foz do Amazonas, da qual se transportou para a ilha Margarida, onde commetteu toda a sorte de depredações; chegando os seus crimes ao ponto de deshonrar uma infeliz creança, de quem era pae!

Felizmente o monstro foi morto ás mãos dos seus inimigos.

Depois do conhecimento que tivera Alexandre de Moura, por informações que lhe foram prestadas por Daniel de la Touche, Senhor de la Ravardière, do famoso rio das Amazonas, partiu do Maranhão, em fins de Novembro de 1615, uma expedição dirigida pelo capitão-mór Francisco Caldeira Castello Branco, que tinha por fim o descobrimento do Grão-Pará, a qual se compunha de 200 soldados e foi transportada em trez embarcações sob o commando de Pedro de Freitas, de Antonio da Fonseca e de Alvaro Neto.

O patacho, o caravellão e uma lancha grande, que eram as trez indicadas embarcações, entraram sem perigo á barra de Seperará, que dá accesso para esta cidade.

Sem a menor opposição da parte dos naturaes do paiz, Castello Branco desembarcava as suas tropas no dia 3 de Dezembro do referido anno [1] e fundava esta formosa cidade de Belém, data que no emtanto passa despercebida ao povo paraense, sem a menor commemoração civica e demonstração de regosijo público, quando bem merecia figurar entre os grandes e solemnes dias do Estado.

O primeiro portuguez, vindo n'essa expedição, que pisou o territorio d'esta capital, foi Antonio de Deus, o qual mais tarde, por sua conducta exemplar, ascendeu a differentes funcções publicas.

[1] Em Setembro de 1618 o capitão-mór Castello Branco era deposto de suas funcções por officiaes e soldados, seguidos do povo, e ao mesmo tempo preso; substituindo-o por acclamação o capitão Balthazar Rodrigues de Mello.

Em Junho de 1619 vinha do Maranhão ao Pará o capitão Bento Maciel Parente, afim de conhecer juridicamente dos motivos d'essa deposição; mas, á vista do que inqueriu, e sendo um facto já consummado, deixou de ser reposto Castello Branco.

Tudo isso é muito parecido com certas occurrencias, que se têm dado na actualidade politica do paiz...

Perante a commissão do 4.º centenario do descobrimento do Brazil, reunida no palacio do governo, em 23 do mez findo, para approvação do programma, que tem de ser executado no anno de 1900; disse:

—Addicionando ao que acabei de ler mais outras apreciações, que me escaparam na these, escripta em tão curto espaço de tempo, permittí que adduza outras considerações, que testificam o meu juizo ácerca do objecto principal da minha argumentação.

Ha historiadores que narram haver Alonso Hojeda, em fins de Junho de 1499, descoberto o Brazil na parte do Rio Grande do Norte, banhada pela foz do Assú; e que n'essa mesma viagem fôra até Cayenna, atravessando a emboccadura do Amazonas;

que Vicente Pinzon sahira de Palos em 18 de Novembro de 1499 ou principio de Dezembro, e descobriu no dia 26 de Janeiro de 1500 o cabo de

Santa Maria de la Consolation, data esta contestada pelo professor Capistrano de Abreu, que assignala o mez de Fevereiro.

Da relação da viagem de Pinzon, como disse o almirante brazileiro Ignacio Joaquim da Fonseca, não ha demonstração dos gráos de longitude e latitude; nem consta o dia da sua chegada ao Amazonas.

Robertson, notavel historiador inglez, na «Historia da America», é de opinião que Vicente Pinzon não viajou para o Sul do Brazil; não descobrira o cabo *de Santa Maria de la Consolation.*

O conego dr. Fernandes Pinheiro, annotando a *Historia do Brazil* de Roberto Southey, assim se externa:

«Não cabe a Pinzon esta gloria, e sim a Alonso de Hojeda, que em fins de Junho de 1499, acompanhado de Amerigo Vespucci, e do piloto byscainho Juan de la Cosa, descobriu uma terra alagada aos cinco gráos ao sul da linha equinoxial, que julga-se estar na emboccadura do rio das Piranhas, ou do Apody.»

O Padre Manoel Ayres de Casal, na *Chorographia Brazilica,* diz:

«Os escriptores castelhanos, instigados de emulação, pretendem que o

seu compatriota Vicente Yanez Pinzon, aportára ao cabo de Santo Agostinho, ao qual dera o nome de *la Consolation*, trez mezes antes que Pedralves Cabral surgisse em Porto Seguro. E para provar que o cabo de *la Consolation* é o de Santo Agostinho, dizem que Pinzon avistára terra de muito longe, que a agua do mar era turva, e esbranquiçada, e até mesmo doce como de rio: e que lançando o prumo, achára fundo em dezaseis braças... Todos estes signaes depoem, e provam *contraproducente* que o cabo de *la Consolation* é o cabo do Norte, que fica na latitude de dous gráos Septentrionaes. A terra do cabo de Santo Agostinho, e suas visinhanças é baixa, e só apparece aos navegantes quando estão perto d'ella; as aguas são allí cristalinas e a sondareza só mostra dezaseis braças perto de terra. Em nenhuma parte d'esta costa se acha agua doce senão dentro dos rios, onde não chega a maré.»

Ácerca do mappa de João de la Cosa, indicando o descobrimento do Brazil em 1500, por Pinzon, eu tenho necessidade de offerecer ao criterio da historia o que disse d. Christobal Cladera na sua resposta á Memoria de Otto sobre o descobrimento da America, na qual descreve cinco mappas de-

senhados por Juan Ortis, em Valença; mostrando com bons argumentos que não podiam ter sido feitos antes de 1496 nem depois de 1509. A quarta d'essas cartas contem as costas da Hespanha, França, Hollanda, Grã-Bretanha e em 52.° N. uma ilha dividida por um grande rio, e chamada Brazil; inferindo elle da referida Memoria que o mappa foi feito depois de ter sido descoberto o Brazil por Cabral, mas muito pouco depois, aliás não teria sido este paiz tão erroneamente collocado.

Eu estou tambem em acreditar que o mappa de João de la Cosa fôra traçado depois da narração d'essa viagem, com os defeitos observados pelo visconde de Porto Seguro, relativamente á posição da terra descoberta pelo almirante Cabral. ?

Tambem se diz que o hespanhol Diogo de Leppe, que sahiu de Palos em Dezembro de 1499, esteve no cabo de Santo Agostinho em Fevereiro ou Março de 1500 e até costeára o Maranhão.

Do mesmo modo affirmam Paulo Gaffarel e Desmarquets ter sido descoberto o Brazil em 1488 por João Cousin, natural de Dieppe; havendo até quem diga que elle avistára os pontaes do Amazonas.

Esse navegador pretendeu roubar até a gloria de Colombo no descobrimento da America.

Finalmente, frey Gaspar da Madre Deus diz que, á vista das declarações constantes de um testamento feito na villa de S. Paulo a 3 de Maio de 1580, o portuguez João Ramalho estava no Brazil desde 1490, portanto dous annos antes de ter Colombo aportado á America pela primeira vez.

O commendador Catambry, na importante conferencia feita na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro em 1.º de Agosto de 1895, publicada na Revista da mesma Sociedade, admitte a possibilidade d'este facto, em face de justas ponderações.

Mas, tudo isso quanto acabo de relatar, sem um criterio bem firmado, é controverso; em virtude de não se ter opinião segura e testemunhos valiosos.

O distincto major Annibal Mascarenhas, no seu «Curso de Historia do Brazil,» é que faz grande questão de dar a Pinzon a gloria do descobrimento do Brazil, fundado em um trabalho historico do professor João Capistrano de

Abreu; o qual diz *que não póde hoje subsistir mais duvida alguma de que foi elle o primeiro descobridor do Brazil;* mas sem offerecer a prova positiva d'esse asserto, nem argumentos de valor historico. No emtanto a Constituição da Republica, a nossa lei magna, sagrou Cabral como o descobridor do Brazil; ao tempo em que o espirito de revolução pairava agitado na atmosphera politica do paiz.

Preciso ainda dizer — que em 1508, quando o governo de Castella mandou Pinzon e João Dias de Solis ao Brazil, os dous navegantes aportaram ao cabo de Santo Agostinho, e dahi seguiram para o Sul; lançando marcos na costa em signal de posse das terras, onde iam ancorando.

É preciso reconhecer que esse procedimento era uma requintada ousadia da parte dos hespanhóes, que de ha muito sabiam do descobrimento do

Brazil pelo almirante Cabral; e que outras viagens tinham sido feitas por portuguezes antes de 1508 nas expedições de André Gonçalves em 1501—1502 e de Gonçalves Coelho em 1503—1504.

N'essa viagem os dous hespanhóes malquistaram-se; e no regresso a Hespanha, por queixas de Pinzon, foi Solis encarcerado. Naturalmente porque não patrocinava as suas perfidias, nem se punha de accordo com as suas astucias.

Ainda uma vez offereço á apreciação dos que me ouvem o caracter d'esse homem, que, a todo o transe, procurava titulos de honra, ainda mesmo á custa de irregular conducta.

Tenho dito o que era preciso para completar a minha these, ficando certo de que a gloria de Cabral ha de cada vez mais attingir os pontos culminantes da historia do Brazil.

Na sessão do dia 27 do mez findo, apresentei a seguinte declaração:

—Tendo sido acceita a menção no programma da allegoria relativa a Vicente Pinzon, como descobridor do rio Amazonas, o que foi approvado por maioria, e não por unanimidade, na ultima reunião da commissão do 4.º centenario do descobrimento do Brazil; offereço á consideração da mesma commissão a presente declaração para ser referida na acta de hoje, afim de que conste a todo o tempo que o infrascripto, em nome da verdadeira historia do Brazil, oppoz-se ao que foi resolvido naquella sessão.

E assim passa a considerar que a sua attitude, em face de assumpto de tanta transcendencia, além de firmar-se no estudo analytico sobre a viagem de Pinzon, na qual dizem haver descoberto o Amazonas; é ainda corroborada pela opinião esclarecida do notavel literato brazileiro e profundo investigador das cousas patrias o Snr. dr. Sylvio Romero, no seu compendio de educação civica «A Historia do Brazil»; o qual diz:

«Logo na primeira pagina d'esta historia costuma-se agitar a questão de saber a quem pertence a gloria do descobrimento do Brazil; *se aos hespa-*

nhoes, aos francezes ou aos portuguezes. Os debates da historia, quando descambam em certa especie de *micrologia,* ou *sciencia das minucias,* não estão livres de pecha de charlatanería.

Fujamos de tal caminho. Basta que vos diga que n'este assumpto o melhor é ficarmos com as idéas dos velhos chronistas. Elles nos contam que, descoberta a India pelo insigne portuguez Vasco da Gama, em 1498, o rei D. Manoel, no intuito de iniciar as explorações e o commercio naquella famosa região, fez expedir uma armada para lá, sob o commando de Pedro Alvares Cabral. Este afastando-se demasiadamente das costas africanas, veio a descobrir o Brazil em 22 de Abril de 1500.»

Agora, ouçamos outros não menos dignos publicistas e historiadores nacionaes.

O dr. Rodrigo Octavio, no seu interessante livro «Festas Nacionaes», escreve:

«Mesmo saindo da chronica remota, quasi apagada na inconsistencia da fabula, consigna a historia ainda as viagens que á terra, que depois se chamou

Brazil, fizeram Alfonso de Hojeda e Vicente Pinzon, mezes antes de Cabral. A viagem d'este, porém, e a communicação que elle fez ao rei e ao mundo da descoberta do novo territorio, foram os primeiros factos que sobre a nossa terra se arregimentaram na concatenação da chronologia e que marcam o inicio da existencia historica do Brazil, que teve desde logo o seu pittoresco historiador, de indiscutivel auctoridade — Vaz de Caminha.»

O dr. João Mendes de Almeida, conspicuo maranhense, ha pouco fallecido em S. Paulo, na sua obra de subido apreço «Algumas Notas Genealogicas», diz:

«Não obstante, a gloria do facto providencial da descoberta dá terra de *Santa Cruz* ou *Brazil,* não cabe verdadeiramente senão a Pedro Alvares Cabral; segundo a regra bem estabelecida por *Vivien de Saint-Martin, Histoire de la Geographie «Il n'y a de déconvertes réelles que celles qui prennent date dans la science.*

Referindo-se o mesmo auctor do livro citado ás viagens de Hojeda e Pinzon, considera:

«Posteriormente, os governos de Portugal e de Hespanha fizeram uma

revisão do tratado de Tordesillas; e foi assignado em Saragoça a 22 de Abril de 1529.

«*Mas este tratado de 1529 não diz respeito a possessões na America; sim, sómente ao archipelago das Molucas, e mesmo das Philippinas.*»

O dr. Caetano Lopes de Moura, auctor do «Epitome Chronologico da Historia do Brazil», opina:

«E se por descobridor de terras remotas só deve ser reputado rigorosamente aquelle que, além de ser o primeiro, que as achou, e d'ellas tomou posse em nome de seu governo, adiantou-se tambem a todos em *determinar a latitude e a longitude d'ellas,* em dar noticia dos indigenas e naturaes, e de seus costumes, e em pol-as em communicação e trato com as demais nações, certo que este titulo e gloria pertence unicamente a Cabral, por isso que *de nenhum d'estes requisitos se acham acompanhadas as relações das explorações de Leppe e de Pinzon.*

O distincto pernambucano José de Vasconcellos, auctor das «Datas Celebres», trabalho de reconhecido merito, não affirma o descobrimento de Per-

nambuco em 26 de Janeiro de 1500 por Vicente Pinzon, nem do Rio Grande do Norte por Hojeda; assim como o illustrado barão do Rio Branco nas «Ephemerides Brazileiras» não os menciona egualmente; como ainda o intelligente brazileiro Frei Vicente do Salvador, na sua «Historia do Brazil», terminada em 20 de Dezembro de 1627; José Maria Velho da Silva, no seu livro «Homens e Factos»; o dr. Americo Braziliense, nas «Lições de Historia Patria»; finalmente, o general Abreu e Lima, no seu compendio «Historia do Brazil»; não faltando, porém, quem dê o nome de Cabral como o descobridor do nosso futuroso paiz.

Robertson, na sua *Historia da America,* tratando do descobrimento de Cabral, diz que Pinzon se havia apenas approximado do Brazil, sem chegar comtudo a tocar n'elle.»

Antonio de Herrera, historiador de Castella, nascido em 1559 e fallecido em 1625, na «Descripção das Indias Occidentaes», publicada em Madrid em 1601, é que descreve a viagem ao Brazil por Pinzon e por Diogo de Leppe; sendo porém incongruente em differentes pontos da sua narrativa.

No emtanto Cabral teve o seu historiador no proprio dia do descobrimento do Brazil, consoante o dizer do insuspeito Snr. Ferdinand Denis.

Do excellente artigo, que tem por titulo — « Reivindicação da gloria usurpada a Pedro Alvares Cabral no seculo XIX » — publicado n' *O Panorama* de 1843, volume 2.°, serie 2.ª, do qual é auctor Tiburcio Antonio Craveiro; transcrevo:

Pedro Alvares Cabral foi até hoje havido como descobridor do Brazil na opinião geral do mundo. Foi comtudo disputada esta gloria ao illustre navegador portuguez: eram escriptores castelhanos ciosos d'ella os que mais se oppunham, para a darem a Vicente Yanes Pinzon.

Cabral sahiu de Lisboa a 9 de março de 1500, e avistou a terra da *Vera-Cruz* a 22 de abril em 17° latitude S., e a 25 desembarcaram. Pinzon, que acompanhára Colombo na primeira viagem, deu á vela com quatro caravellas em dezembro de 1499, e pretendem que em 26 de janeiro de 1500 aportára ao Cabo de St.° Agostinho, ao qual chamára Cabo *de la Consolation*. Se tudo isto assim fôra, a prioridade do descobrimento do Brazil incontestavelmente pertencêra a Pinzon que não a Cabral.

Não fôra até qui muito de estranhar que antigos escriptores castelhanos, zelosos da gloria de um seu compatriota, ou buscando augmentar-lhe a que já tinha, mas não com este titulo, assim o sustentassem. Mas revolta sobremodo, e nada ha que o possa desculpar, que um escriptor moderno, extrangeiro e alheio a todo o ciume honesto de nacionalidade, se deslise grosseiramente da bôa fé e lealdade de historiador.

Roberto Southey na sua «Historia do Brazil» usurpa a gloria de Cabral para a dar a Pinzon. E saiba-se que o largo e avultado credito do auctor na sua patria, e no mundo literario, como chronista da Graã-Bretanha, e seu poeta laureado, é ominoso para a gloria de Cabral: alem disso a erudição e profundidade da obra demandam uma refutação mui seria e cathegorica.

Da narração historica da viagem de Pinzon se collige claramente que não fôra o Cabo de St.º Agostinho, que elle avistára, o qual fica em $8\,^{1}/_{2}{}^{o}$ S., mas o Cabo do Norte em lat. 2º norte. Herrera diz assim:—« *Se fueron por la costa abaxo* quarenta leguas *al Poniente,*» e que logo entraram no Maranhão, Orellana, ou Amazonas. Ora do Cabo do Norte a este grande rio são em ver-

dade quarenta leguas, mas do de St.º Agostinho muito mais de quatrocentas: logo Pinzon não descobriu, nem tocou costa do Brazil.

Muito maior censura ainda merece o auctor inglez quando com mui pouca lealdade omittiu e callou aquillo que destruia a sua opinião. Faz pasmar que tão miudamente em tudo nos contasse a viagem de Pinzon, e omittisse a circumstancia essencial das *quarenta leguas*. Diz elle assim, tom. 1 pag. 5 «*From henee they coasted along toward the North till they came to the mouth of a great river.*» Devêra extractar lealmente os escriptores hespanhoes, que compilava, e até mesmo respeitar a auctoridade de Robertson, seu compatriota.

Herrera lealmente nos diz que Pinzon proseguindo em sua viagem (do Cabo do Norte sustentamos nós) depois de andar as quarenta leguas *entrou n'um mar de agua doce*... era o Amazonas. Ao paiz todo chamavam os indigenas *Mariatambal;* á parte que se estendia ao oriente, *Camomurú;* e á do occidente *Paricorá.*

Depois de passar riscos iguaes aos que Colombo tivera em *Boccas del Dragon,* perdeu um navio: atravessou a linha, e chegou ao Orenoco, d'onde

se fez na volta da Europa, perdidos nas correntes mais dois dos outros tres navios. Um rio na Guyana em lat. 1° 30' N. tomou o nome de Pinzon: é hoje o Oyapok, outr'ora baliza das possessões portuguezas e hespanholas.

Na sessão de 30 do referido mez, proferí:

— Reproduzindo as phrazes, resumbradas de sentimento patrio, das quaes se serviu o notabilissimo conego Alves Mendes, no seu monumental discurso «Patria»!, associo-me a ellas, quando disse:

«Quem desconhecerá esta nação briosa que, durante quasi oito seculos, aponta na terra uma *Illiada* de triumphos e aponta no mar uma *Odysséa* de glorias? Quem deslembrará esta nação crente e audaz, águerrida e navegante, que se firmou na Europa pelo valor de Affonso, que torneou a Africa pelo arrojo de Gama, que senhoreou a Asia pela intrepidez de Albuquerque, que

aportou á America pela fortuna de Cabral, que circuitou, que circumnavegou o mundo pelos transluminosos espiritos, pelas geniaes inspirações de Magalhães?

Quem olvidará esta nação pujantissima e fidelissima, cuja bandeira é um symbolo de feitos estrondosos, cuja historia é um archivo de epicas proezas, cujo nome é um espelho da honra, um foco de recordações immortaes?»

Honra ao generoso Estado do Pará e á egregia commissão do 4.º centenario do descobrimento do Brazil, que não olvidou Cabral nas sumptuosas festas traçadas em seu programma; dando-se-lhe a primazia na commemoração de 3 de Maio de 1900.

Replica ao Snr. Arthur Vianna

Replica ao Snr. Arthur Vianna

Para não alongar-me no assumpto, que motivou a extensa dissertação historica do meu illustre contradictor, publicada em diversas edições d'*A Provincia do Pará;* resumirei o mais possivel o meu articulado, tomando por base a conclusão das objecções feitas á minha these.

E assim direi:

O historiador inglez Robertson, na sua *Historia da America* affirma que Vicente Yanez Pinzon, cruzando a linha equinoccial, não tocou em parte alguma da costa ao sul da foz do Amazonas; querendo assim dizer que elle não

podia ter aportado ao cabo de Santo Agostinho, como o sustentára A. Herrera accrescentando ainda que elle se havia apenas approximado do Brazil, sem chegar comtudo a tocar nelle.»

Em apoio dessa opinião, temos a do Conselheiro J. M. Pereira da Silva no excellente livro «Quadros da Historia Colonial do Brazil», quando assim se externa:

«Associou-se Vicente Pinzon com alguns amigos. Equipou quatro caravellas, muniu-as de marinheiros ousados, e de habeis pilotos que já tinham navegado sob o commando de Colombo, e fez-se de vela partindo de Palos no mez de Dezembro, rumando para o sudoeste, em direitura ao golpho do Pariá, que fechava para o sul o mar das Antilhas, e que pelos boatos espalhados devia encerrar thesouros compensadores de todos os sacrificios.

Mais de setecentas leguas teriam os mareantes atravessado, quando as calmarias e correntes de aguas os empurraram para o sul, de modo que achavam-se, segundo seus calculos astronomicos, além da linha equinoxial, e em distancia notavel das localidades a que se destinavam.

Correndo então para o noroeste, divisaram terra no termo de alguns dias e trataram de reconhecel-a.

Tem-se quasi geralmente referido nas chronicas e historias que fôra o cabo hoje denominado Santo Agostinho, que mostrára-se aos olhos dos navegantes. Examinadas, porém, cuidadosamente as cartas geographicas e as derrotas dos mareantes, parece que se não haviam arredado tanto da linha equinoxial, e que o cabo que Pinzon denominára então *Consolação*, e por elle ávistado, seria provavelmente o que chama-se hoje do Norte, á foz septentrional do rio Amazonas.

Sobrevindo a noite, reluziram fogos em terra, que indicavam ser habitada.

Ao amanhecer, desembarcou Pinzon com quarenta homens sufficientemente armados e decididos a combater, quando necessario. Appareceram-lhe hordas numerosas de gentios núS, manobrando arcos e flechas, e revelando hostis disposições. Do renhido combate que travou-se resultaram mortes reciprocas, e a retirada de Pinzon para seus navios, sem que tivesse conseguido DESEMBARCAR.

Estava pouco mais ou menos, segundo seus calculos, sob a linha equinoxial.

Surprendeu-o, no emtanto, inesperado e temeroso phenomeno: Em distancia notavel da terra, eram doces e não salgadas as aguas. Desataram-se, logo depois, as ondas, e pareceram crescer em altura, estrondar horrorosamente, e pretender sumir em seu seio alvorotado as caravellas, quando, todavia, nenhum sopro de vento as alvorotava.

Procedia o facto das variações das marés, contrariando-se as aguas do mar e as de algum rio, e que se abalroavam mutualmente, e produziu o que no paiz se appellida Pororóca.

. . . . . .

Era o solo do Brazil que tinha Pinzon divisado no dia 28 de Janeiro de 1500; era o rio denominado posteriormente Amazonas, que se mostrava a seus olhos. »

Deduz-se, portanto, das opiniões citadas, que Pinzon seguiu a mesma trajectoria de Colombo, quando descobriu o Novo Mundo; e que tocando

aquelle ao norte da foz do Amazonas descobrira o Oyapoc, de onde certamente avistou terras comprehendidas nos limites do Brazil.

Mas isso não prova que elle houvesse descoberto a rica região do nosso paiz, conforme a verdadeira accepção d'esse modo de dizer.

Quanto ao se contar que elle pisou na ilha Cavianna, que dista da foz do Amazonas 60 milhas pouco mais ou menos, ha a contrapor a essa possibilidade as correntes impetuosas do rio, *invenciveis na subida a todo o genero de embarcações, que não de remo,* como assevera Bernardo de Berredo, nos «Annaes Historicos do Maranhão.»

O que ha de verdadeiro ácerca do descobrimento desse rio, é a viagem do desleal Francisco Orellana — que por elle desceu em 1540, depois de ter abandonado a expedição organisada em Quito por Gonzalo Pizarro; chegando ao Atlantico, após longo percurso, em Agosto de 1541.

É elle o seu descobridor, tanto que o seu nome foi dado ao rio gigantesco, em memoria da audaciosa viagem.

O que é facto é que, se n'aquelles tempos de conquista e de primazias entre nações, que disputavam maiores triumphos entre si, Pinzon tivesse descoberto o Brazil antes de Cabral, as nações o teriam proclamado como o descobridor desta rica região; mas assim não aconteceu, pois tal gloria só foi dada ao almirante portuguez no correr dos seculos, constituindo essa tradicção o ponto verdadeiro da nossa historia.

Se, quando D. Manoel, em carta de 29 de Julho de 1501, deu noticia aos reis catholicos de Hespanha do descobrimento do Brazil, houvesse recebido contradita a esse facto — de não caber-lhe semelhante gloria, então a Portugal não se daria a honra de ter um seu filho illustre praticado tão portentoso feito.

Mas a Hespanha calou-se e o acontecimento passou para o dominio da historia, sem a menor contestação; accrescentando o pequeno reino lusitano á sua coroa os vastos dominios do paiz, que fôra descoberto por um feliz acaso.

Um successo de tal ordem, que não devia ficar em segredo por parte da Hespanha, que assim teria mais um feito a registrar-lhe os annaes já enriquecidos de sua historia com o descobrimento da America por Christovão Colombo; daria ensejo a solemnes manifestações publicas em Castella, o que só teve logar em Lisboa, quando a essa Cidade chegou a feliz nova, levada pelo emissario de Cabral; causando grande alegria entre os habitantes o admiravel acontecimento.

Quanto á inventiva historia de ter Vicente Pinzon desembarcado no cabo de Santo Agostinho, *gravando o nome dos navios, a data do anno e dia nas arvores e* ROCHEDOS, [1] tomando assim posse do paiz para a coroa de Castella,

[1] Pag. 8, tomo 1.º, da *Historia do Brazil*, de Roberto Southey. O Snr. Arthur Vianna omittiu intencionalmente a circumstancia das inscripções nos *rochedos*, pensando assim escapar das difficuldades em que se encontra hoje — de provar a realidade do que foi asseverado pelo referido historiador. Se o podesse fazer, então a questão em que nos debatemos estaria resolvida a seu contento; mas assim não acontece...

não passa de requintada falsidade, pois quando a 28 de Agosto de 1501 foi descoberto verdadeiramente esse cabo por André Gonçalves, no dizer de Candido Mendes e Capistrano de Abreu, ou por D. Nuno Manoel, segundo o Visconde de Porto Seguro e d'Avezac, não fôra encontrado pela expedição, na qual ia o celebre cosmographo Americo Vespucio, o mais leve signal de posse do paiz pelos hespanhoes, não obstante ter ella ali demorado cinco dias.

O governador de Pernambuco Duarte Coelho Pereira, nomeado para esse cargo por carta regia de 10 de Agosto de 1534, de cuja capitania tomou posse, desembarcando com sua mulher, filhos e parentes na foz do rio Iguarassú, não contasta, nem outros que os succederam, os taes signaes e caracteres deixados por Pinzon nas arvores e nos ROCHEDOS do cabo de Santo Agostinho!

Pura patranha e colossal mentira, inventada por imaginosos historiadores hespanhoes, sempre ferteis em produzirem contos phantasticos.

Se taes inscripções fossem deixadas nos ROCHEDOS, certamente por um determinado numero de annos não se apagariam pela acção do tempo; podendo tambem ter vindo até os nossos dias; mas a verdade é que ellas não existem

senão na imaginação dos que falsamente asseguram a viagem de Pinzon ao cabo assignalado.

No emtanto ainda até hoje estão vivas as inscripções lapidares encontradas na cidade abandonada do interior da Bahia, e as da pedra lavrada no Estado da Parahyba, sendo estas consideradas de origem phenicia pelo notavel orientalista Ernesto Renan.

E como estas, ainda muitas outras em varias partes do Brazil, as quaes o millenario dos seculos não poude expungir.

Que valor podem ter os depoimentos suspeitos dos hespanhoes Colmenero, Ramirez e Valdovinos, de que fala Navarrete, affirmando a viagem de Pinzon pelas costas do Brazil, ao sul, quando o visconde de Porto Seguro os

contesta, provando não serem verdadeiras as indicações pelas quaes pretendiam evidenciar o descobrimento do cabo de Santo Agostinho?

Tambem no processo de 1515, Alonso de Hojeda e Pedro de Ledesma deposeram que Colombo não desembarcou no continente americano, opinião que é confirmada pelo historiador hespanhol Oviedo, inimigo do famoso ligurio; mas cinco testemunhas disseram que Pedro de Terreros tomára posse da terra a mandado do almirante; affirmando porém Heran Perez ter elle proprio pisado no continente que descobrira.

Em quanto debalde se procura os signaes da passagem de Pinzon pelo littoral do Brazil, sem se poder achal-os; em Porto Seguro descobria-se na praia a cruz de madeira, plantada pelo almirante Cabral, ostentando-se ali erecta e magestosa por dilatados annos, como symbolo de uma nova civilisação, como vestigio de glorias immarcessiveis, que só couberam áquelles que de facto foram os iniciadores da nossa nacionalidade.

Ácerca do nauta hespanhol só o que ha de verdade, com relação ao Brazil, é a sua chegada em 1508 ao cabo de Santo Agostinho, na viagem que

fizera acompanhado de João Dias de Solis; não constando, porém que ali houvesse verificado a existencia da inscripção que se lhe attribue imaginariamente; o que devia fazer.

É muito possivel que historiadores hespanhoes, confundissem essa data com a de 1500, na intenção de darem a um seu compatriota logar proeminente entre o dos grandes navegadores do seculo XV.

Foi em 1508 que Pinzon lançou marcos na costa do Brazil, em signal de posse das terras onde ia ancorando, procedimento este da sua parte inqualificavel e perfido, por pretender usurpar direitos que cabiam a outrem.

Não admira que assim procedesse, quando é sabido que elle procurou conquistar para si o direito de ter sido descobridor do continente americano, em detrimento do feito de Colombo, que já o havia reconhecido na sua terceira viagem de 30 de Maio de 1498.

Tão evidentes são as provas da precedencia do descobrimento do Brazil pelo almirante portuguez Pedro Alvares Cabral — que os Institutos historicos do Rio de Janeiro e da Bahia, que conteem doutos e distinctos homens de

letras, não falam de outro nome, senão d'este, nos programmas que organisaram para execução das festas do 4.º centenario em 1900; deixando em completo olvido o astuto Vicente Pinzon, com desagrado dos que a todo o transe procuram collocal-o na primeira fila dos varões illustres.

Convém tratar de um ponto sobre o qual o Snr. Arthur Vianna pretende firmar a sua argumentação, no sentido de provar que o navegador hespanhol, perdendo de vista a estrella polar, depois de ter atravessado o equador, não seguira a derrota de Colombo.

É certo que Pinzon, na relação da viagem, astuciosamente alterada, como o fôra a de Hojeda, por elle mesmo declarado; refere o facto de ter visto a estrella polar, que, como se sabe, acha-se collocada na extremidade da cauda da Ursa menor, distante do equador 88° 46' e do polo norte 1° 14'.

Essa circumstancia que parece de grande valor para o Snr. Arthur Vianna,

não tem a importancia que s.s.ª dá-lhe, pois semelhante estrella fôra tambem vista por Colombo nas viagens que effectuára á America.

A esse respeito deixo de entrar em uma certa ordem de considerações que, estou certo, não hão de escapar aos que são competentes em assumptos nauticos, fazendo merecidos reparos sobre a visibilidade da referida estrella nas latitudes determinadas pelo meu contendor.

O illustre Snr. Arthur Vianna, em um dos topicos do seu artigo, disse que a carta de Caminha segreda os gráos de latitude e longitude, e que por isso não tem ella valor!

Grande injustiça vão nessas palavras, quando todos os historiadores julgam-n'a o mais irrefragavel documento do inicio da nossa historia; reputando-se tambem de valor a do Mestre João, hespanhol, physico e cirurgião da armada de Cabral.

Se Caminha sonegou os gráos de latitude e longitude, por não ser materia de sua competencia, visto as suas funcções de escrivão da feitoria em Calicut; o chefe da expedição não as occultou por certo, por ser assumpto de seu officio.

Foi depois dessa viagem de Cabral que outros navegantes, por ordem de D. Manoel, se dirigiram ao Brazil; não constando egual procedimento da parte de Hespanha, senão quando á costa brazileira vieram ter no já citado anno de 1508 Vicente Pinzon e João Dias de Sollis, que tão irregularmente procederam.

Em conclusão, preciso dizer ao infatigavel Snr. Arthur Vianna, que a sua asserção officiosa — de ter Pinzon pisado no territorio paraense, não é firmada em prova substancial, e tanto assim é que não me poderá demonstrar o logar em que se operou esse acontecimento, que devería ser assignalado por evidentes signaes de posse, como o fizera Cabral.

Fazendo critica o intelligente polemista a um dos topicos da minha these, deduziu n'estes termos:

«O mais simples raciocinio prova a inexactidão de tal juizo.

Como é que, em 1498, Pinzon *poderia ser considerado o primeiro que pisava o continente americano, quando toda a Espanha sabia que, em 1492, Colombo descobrira a America?*»

Ha da parte do digno Snr. Arthur Vianna equivoco manifesto.

Colombo em 1492 descobrira apenas uma parte das Antilhas; o continente americano só foi por elle descoberto em 30 de Maio de 1498; embora Pinzon tivesse dito aos reis de Castella, quando á Hespanha regressou em 15 de Outubro do citado anno de 1498, caber-lhe a precedencia desse feito; dando assim a conhecer o despeito e a inveja dos triumphos maritimos que só reflectiam no seu adversario.

Julgo ter deste modo rebatido a opinião do meu distincto contendor, que julgou-se talvez victorioso nesta questão com o meu demorado silencio.

Notas finaes

Notas finaes

Pag. 10.

1 O venerando Dr. Francisco da Silva Castro, que, em edade avançada, ainda reside n'esta capital, publicou no *Diario do Gram-Pará*, de 8 de Março de 1860, o seguinte:

« Agora occupar-me-hei de outro assumpto inteiramente alheio á Historia e que toda a relação tem com as sciencias naturaes. Vou falar do phenomeno chamado pelos naturaes do Brazil *pororóca* e pelos portuguezes da Asia, *macaréo*, como se póde ver em João de Barros, Decada 3.ª, livro 5.º, cap. 1.º, e em Diogo do Couto, Decada 6.ª, livro 4.º, cap. 3.º.

A *pororóca* não se passa sómente em alguns rios perto do mar; como julga o Sr. Varnhagem. Este estupendo phenomeno observa-se tambem longe da costa a trinta e quarenta e talvez a cincoenta leguas do mar; taes são o Guamá, o Mojú, o Capim, o Arary e outros.

Tambem é certo que se manifesta com toda regularidade nas marés vivas perto da costa, em quasi todos os rios da Guyana Brazileira ou terras do cabo do Norte, especialmente no Araguary e no Amapá. E não é menos certo que nunca foi visto esse phenomeno no rio Amazonas, o que é explicavel pelo que se segue.

A primeira condição para que se dê a *pororóca* é a presença das marés vivas e da sua enchente, em cuja occasião rebentam as *pororócas*, como explicam os naturaes da terra.

A segunda é a de um rio, cujo leito tenha pouco declive, seja bastante raso e sem embaraços e cachoeiras na sua corrente, desde a foz até ao lugar assignalado para a *pororóca*.

Succede então, que as aguas do rio represadas pela maré que vae enchendo e ganhando força de momento, para momento, são vencidas por ultimo na sua marcha, saltando-lhes por cima a maré com grande estampido, que se ouve a tres e quatro leguas de distancia, e formando ondas tão altas e encapelladas, e um rebojo de aguas tamanho, que alaga, em poucos minutos, espaços enormes e tudo destroe quanto diante de si encontra, enchendo de prompto o que havia vasado em horas!

Já se vê, que, para se dar o facto da *pororóca* não é precisa a concorrencia da agua salgada ou do poderoso mar, como pensa o Sr. Varnhagem, para se estabelecer o triumpho n'essa lucta entre as aguas do monte e as da maré, que nem sempre são salgadas.»

Accrescento eu: esse phenomeno dá-se tambem no rio *Mearim* e *Pindaré*, no Maranhão.

Pag. 11:

2 Fizeram-se festividades em varias igrejas e conventos, sahiu uma procissão da Sé, e El-rei perdoou a seis judeus.

. . . . . .

Auctor houve que prophetisou — viria a ser um grande Imperio, de territorio immenso, filho e todo descendente — em religião, lingua, costumes e até no sangue, de uma nação pequena em extensão, mas grande em homens e generosa, com quem um dia viria a rivalisar, e depois emancipar-se para gozar das riquezas em que nascera.

A noticia chegou logo a Castella. (Chronica do descobrimento do Brazil por F. A. V.)

Btca M

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de Cultura e Economia Criativa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM

CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA